

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

RÚBIA GONÇALVES MANSANO

JORNALISTA E MULHER: PERFIS, HISTÓRIAS E DESAFIOS

PRODUTO JORNALÍSTICO

MARIANA

2024

RÚBIA GONÇALVES MANSANO

Jornalista e mulher: perfis, histórias e desafios

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dra. Hila Rodrigues

MARIANA

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M286j Mansano, Rubia Goncalves.
Jornalista e mulher [manuscrito]: perfis, histórias e desafios. / Rubia
Goncalves Mansano. - 2024.
32 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Feminismo.. 2. Jornalistas.. 3. Mulheres.. 4. Trabalhadoras.. 5.
Trabalho - Aspectos sociais.. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 070-055.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa-Bibliotecário Coord. ICSA/UFOP-
CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rúbia Gonçalves Mansano

Jornalista e mulher: perfis, histórias e desafios

Produto e Memorial Descritivo apresentados ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisitos parciais para obtenção do título de bacharel.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Profª Drª Hila Rodrigues - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Karina Gomes Barbosa (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Denise Figueiredo Barros do Prado (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/03/2024



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/03/2024, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0677268** e o código CRC **883DB7A8**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer as pessoas que sempre me encorajaram e me deram forças para entender quem sou: meus pais. Ronaldo e Eliana, obrigada por sempre me apoiarem. Dedico tudo o que realizei até hoje a vocês.

Aos meus avós, Dito e Maria, que olham e cuidam de mim de algum lugar do universo, saudades eternas. E aos meus outros dois avós, Olécio e Teresa, que sentem muito orgulho da pessoa que me tornei.

Ao meu namorado, Rodolfo, por toda resiliência e companheirismo durante anos. Essa fase não seria perfeita sem você.

À República Mandala, por me acolher desde o início da graduação e moldar pensamentos e ideologias em mim, e que levarei para o resto da vida. Lá foi e será sempre o meu segundo lar.

Aos colegas da graduação: Camila, Lívia, Lucas e Mariana, por sempre alegrarem até meus piores dias na universidade. Poder contar com vocês sempre me deu forças para chegar onde cheguei.

Aos coletivos feministas dos quais fiz parte durante minha adolescência. Agradeço por me mostrarem o real motivo pelo qual as mulheres lutam diariamente. Nossa luta sempre precisará ser comunicada.

Aos professores do jornalismo, em especial, Hila, Rodrigues, por me apoiar, me ajudar, dar os melhores conselhos e me orientar na execução deste trabalho.

Por fim, à Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público e de qualidade.

RESUMO

O presente memorial refere-se à produção do livro “Jornalista e mulher: perfis, histórias e desafios”, escrito para contar as experiências que antigas alunas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) tiveram depois de formadas, enfatizando os desafios e realizações que marcaram a trajetória de Dayane barretos, Janylle Mol, Mariana Viana, Sarah Gonçalves e Evelin Ramos na condição de *mulheres jornalistas*. Os perfis que compõem o livro aqui referenciado descrevem, em cada capítulo, a maneira como essas mulheres superaram as dificuldades que tiveram e como as enfrentaram. Também estão presentes na obra os efeitos do machismo presente na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. Este memorial descreve o processo de produção e propõe reflexões acerca dos temas propostos.

Palavras-chave: Mulheres; Jornalismo; Feminismo; Perfil; Trabalho.

ABSTRACT

This memorial refers to the production of the book “Jornalist and woman: profiles, stories and challenges”, written to tell the experiences that former students at the Federal University of Ouro Preto (UFOP) had after graduating, emphasizing the challenges and achievements that marked the trajectory of Dayane Barretos, Jamylle Mol, Mariana Viana, Sarah Gonçalves and Evelin Ramos as women journalists. The profiles that make up the book referenced here describe, in each chapter, the way in which these women overcame the difficulties they had and how they faced them. Also present in the work are the effects of machismo present in society and, mainly, in the job market. This memorial describes the production process and proposes reflections on the proposed themes.

Keywords: Women; Journalism; Feminism; Profile; Work

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. GÊNERO PERFIL	5
1.1 O perfil e suas singularidades	8
1.2 O perfil e a entrevista	10
AS MULHERES NO JORNALISMO E OS DESAFIOS IMPOSTOS	14
PLANO DE TRABALHO	20
O PRODUTO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Este é um livro de perfis de mulheres jornalistas graduadas na região dos Inconfidentes, pela Universidade Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais. Mulheres que se tornaram jornalistas depois da possibilidade aberta pelo REUNI, o programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais, instituído pelo governo federal em abril de 2007, no segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Todas elas enfrentaram desafios variados em diferentes campos, e não raras vezes relacionados à questão de gênero. Contudo, também encararam dilemas vinculados a aspectos socioculturais, políticos, educacionais e raciais. Elas passaram parte da vida transitando na região dos Inconfidentes, em especial por Mariana, Ouro Preto e seus respectivos distritos. Hoje, carregam também essa marca.

É importante salientar, aqui, que este livro, objeto deste memorial descritivo, foi criado para, a partir das histórias dessas mulheres, explorar o campo das narrativas jornalísticas com base em técnicas específicas voltadas para a construção do diálogo e para a criação de perfis a partir de encontros e relatos. Duas condições principais unem as cinco entrevistadas: ser mulher jornalista ufopiana e estar inserida, como profissional desse campo, no mercado de trabalho.

Em função dessa perspectiva feminina – e feminista – algumas autoras são especialmente importantes neste trabalho. Para falar de alguns dos desafios presentes no universo feminino, recorro à Tereza Cristina de Novaes Marques (2019), Paola Cappellin Giuliani (2006), Marli dos Santos (2018) e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2018), que abordam importantes questões relacionadas ao patriarcado, ao feminismo e à misoginia. A intenção é articular esses conceitos às dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo da história, e reverberam até hoje no mercado de trabalho – e também na vida social na totalidade.

As mulheres demoraram anos, por exemplo, para conquistar alguns direitos básicos, como o direito de ir às urnas na condição de eleitoras. Na obra *O voto feminino no Brasil*, Teresa Cristina de Novaes Marques conta como as mulheres sempre procuraram lutar pelos seus direitos e como a sociedade patriarcal as diminuía nesse processo. Mulheres tiveram que se juntar e abraçar uma luta de anos para conquistar esse direito ao voto. Algo hoje considerado tão básico e tão necessário era, antigamente, visto como um direito restrito aos homens. Pois foi somente no primeiro governo de Getúlio Vargas, em 1931, que as mulheres brasileiras finalmente passaram a votar. Porém, havia restrições: apenas solteiras ou viúvas com renda própria podiam ir às urnas. Segundo Marques (2019), quem era casada necessitava da autorização do parceiro. Em 1932, no entanto, o novo Código Eleitoral, publicado em 24 de fevereiro daquele ano, deu total liberdade para que todas as mulheres tivessem pleno direito ao

voto. A imprensa teve um papel importante nessa luta, conforme a autora. A pesquisadora registra que, em dezembro de 1888, a professora Josefina Álvares de Azevedo começou a publicar o jornal sufragista “A Família”. Logo de início, passando por São Paulo e Rio de Janeiro, Josefina conseguiu o apoio das escritoras Júlia Lopes de Almeida e Inês Sabino – uma aliança importante nessa batalha.

Entretanto, essa preponderância dos direitos dos homens sobre os das mulheres não está presente apenas em episódios como esse da conquista do voto feminino. Esse aspecto também se faz presente em situações corriqueiras do cotidiano. Daniëlle Kergoat, em “Dicionário Crítico do Feminismo”, explicará a divisão sexual do trabalho a partir da divisão de funções. Segundo ela, o que quase sempre houve foi a “destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares)” (2009, p. 67).

Essa supervalorização dos homens nos cargos mais importantes foi uma das principais razões pelas quais as mulheres passaram a protagonizar essa luta para conquistar direitos que, atualmente, evidenciam-se básicos a qualquer cidadão comum. Afinal, se um cargo existe para a execução dessa ou daquela função, qualquer pessoa comprovadamente capacitada para as tarefas previstas poderia ocupar essa vaga, independentemente do gênero ou de outras condições sociais. Contudo, não é isso o que acontece – e não acontece exatamente porque as sociedades foram estruturadas a partir desse modelo patriarcal, que implica em todo o tipo de distinção entre homens e mulheres. Kergoat afirma que esse modelo de divisão social do trabalho possui dois elementos organizadores: “o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que o de mulher)” (2009, p. 67).

Esse modelo patriarcal também influencia a prática do jornalismo. As pesquisadoras Marli dos Santos e Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (2018), em “Mulheres no Jornalismo: práticas profissionais e emancipação social” afirmam que:

Como em outros segmentos do mundo do trabalho, o jornalismo está imerso no contexto da sociedade patriarcal, que desde seu surgimento se mantém à custa de um discurso baseado na questão econômica, o qual sustenta o poder familiar e político dos homens. Embora as conquistas femininas no mundo do trabalho se justificaram em grande parte pelas necessidades de sobrevivência e pelas mudanças nas instituições seculares, como a família, ainda hoje as mulheres sofrem com relações tensas no trabalho e discriminação de gênero, conforme apontam pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 2016 e 2017 (SANTOS; TEMER, 2018, p. 8).

Essas condições, muitas vezes precarizadas e tensionadas no mundo do trabalho, contribuíram, sem dúvida, para um descontentamento crescente por parte das mulheres, especialmente nesse campo laboral. Giuliani (2004), em sua pesquisa intitulada “História das mulheres no Brasil”, enfatiza esse aspecto:

A projeção em primeiro plano do homem trabalhador acaba deixando na sombra, quase invisíveis, as péssimas condições de trabalho impostas às mulheres. Muitas vezes, as trabalhadoras nem são reconhecidas como parte da população economicamente ativa; sua contribuição social reduz-se ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico familiar. (GIULIANI, 2004, p. 537)

As histórias presentes nos perfis – referenciadas ao longo deste trabalho – estruturam-se em contextos que envolvem pelo menos dois eixos operadores: primeiro, o que mostra e discute a luta das mulheres dentro da história do jornalismo (mais trabalhada neste memorial); e o segundo, trabalhado essencialmente no livro, ancora-se à aplicação de técnicas do jornalismo para a produção de perfis inspirados nessa mesma luta (constituindo as narrativas que delineiam cada história de cada mulher contemplada nesta obra). Para tratar do primeiro eixo é que foram acionadas, como já se viu aqui, as autoras Danièle Kergoat, Paola Cappellin Giuliani, Marli dos Santos e Ana Carolina Rocha Pessôa Temer. Já para acionar o segundo eixo foram convocadas as autoras Amanda Tenório Pontes Silva e Michelle Braz, assim como os autores Antonio Sardinha e Sérgio Villas Boas.

1. GÊNERO PERFIL

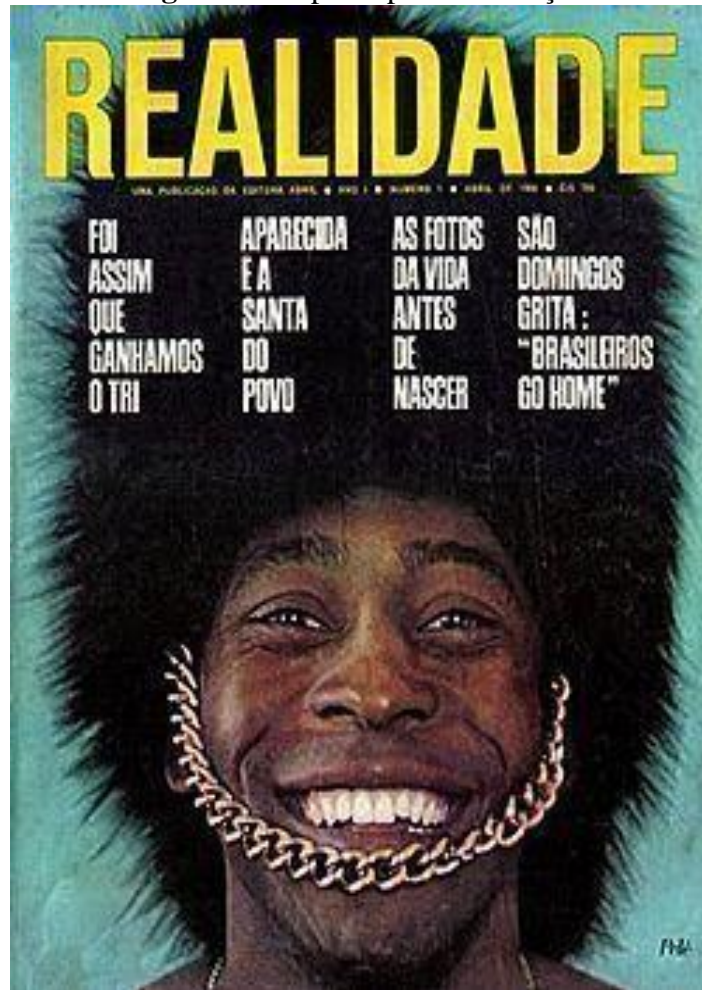
Este livro foi pensado a partir de entrevistas feitas a cinco perfiladas. Dois elementos são, assim, muito importantes aqui: as histórias das entrevistadas e o olhar da autora sobre essas histórias. Durante a realização do perfil, muitas coisas precisam ser percebidas além da história em si: modos de ser, falas, expressões, decorações, tudo importa na hora da escrita.

No artigo “Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhe”, Alexandre Rocha da Silva relata as semelhanças entre os gêneros perfil, biografia e história de vida – todos fundados na trajetória de vida de outra pessoa. Neles, “o sujeito é o objeto da reportagem” (SILVA, 2016, p.4)

A partir dos anos 1930, o perfil foi “aceito” como gênero textual. Joseph Mitchell e Lincoln Barnett, dois jornalistas e escritores norte-americanos, foram os pioneiros no desenvolvimento do gênero e, em 1938, a revista *The New Yorker* foi a maior referência de

construção desse tipo de texto, segundo Silva. No Brasil, as revistas Manchete (1952-2007) e Realidade (1966-1976) são exemplos marcantes do gênero perfil introduzido no país.

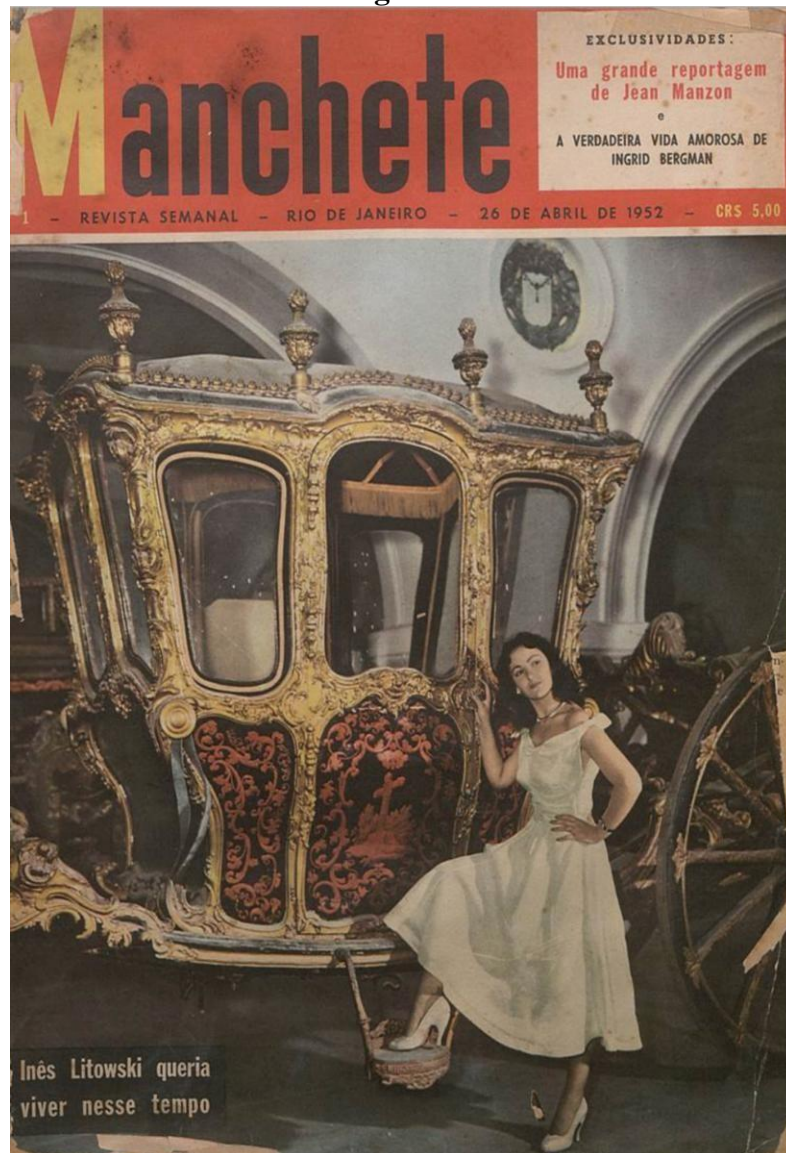
Figura 1 - Capa da primeira edição



Realidade. São Paulo: Ed. Abril, ano I, n. 1, abril 1966¹

¹ Realidade. São Paulo: Ed. Abril, ano I, n. 1, abril 1966

Figura 2

Manchete. Ano 1952. Edição 0001²

Essas duas revistas são importantes especialmente porque registram, além dos padrões textuais de uma época, os profissionais que trabalharam com esse gênero no Brasil. A revista *Realidade em especial*, pois Alexandre Rocha da Silva (2016) evidencia que os repórteres José Hamilton Ribeiro, Luiz Fernando Mercadante e Roberto Freire “emolduram a estrutura do perfil” (p.59) com textos sobre celebridades, mas também sobre pessoas envolvidas em grandes eventos. A revista apresentava, por exemplo, perfis de personalidades importantes na vida artística, como Roberto Carlos, mas também chegou a trabalhar com outras fontes de grande apelo político, caso dos soldados que estiveram na guerra do Vietnã.

² *Manchete*. Hemaroteca Digital.

Atualmente, são muitos os espaços, seja na versão impressa ou online, que trabalham o gênero perfil. As revistas, contudo, permanecem se destacando nesse gênero – caso da revista *piauí*, idealizada por um cineasta, João Moreira Salles, e lançada no mês de outubro de 2006.

1.1 O perfil e suas singularidades

Segundo Amanda Tenório Pontes da Silva, o perfil pode ser feito a partir da utilização do discurso direto, do discurso indireto ou de ambos – e essa escolha depende da maneira como o jornalista opta por trabalhar os dados sobre a pessoa entrevistada. Diz ela:

(...) o perfil pode ser realizado de três maneiras principais: **discurso direto**, na qual o texto inicial mostra os principais pontos que fizeram o perfilado ser escolhido. Nele, não há narrador para expor informações do perfilado ou escrever as impressões durante a entrevista; **discurso indireto**, que com os relatos coletados durante a entrevista o autor pode escrever de forma clara, contendo impressões e/ou adjetivos sobre o perfilado; **discurso direto e indireto**, que é quando o autor não conhece o seu perfilado e acaba dando ênfase no encontro entre eles (SILVA, 2009, p.7).

No livro aqui apresentado, optou-se, assim, pelo discurso direto e indireto em função do fato de que a autora não conhecia nenhuma das entrevistadas selecionadas. Desta forma, acabou “presenciando” o relato de cada mulher à medida que elas revelavam as nuances de suas respectivas trajetórias de vida. Na obra “O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro”, o discurso direto e indireto figura como elemento bastante adequado ao tipo de perfil aqui proposto.

Outro ponto ressaltado pela autora é que “os perfis são textos geralmente curtos, que reconstituem um episódio e circunstâncias marcantes na vida de um indivíduo” (2009, p.6). No livro aqui apresentado, o enfoque se dá a partir das experiências vividas pelas perfiladas na profissão, isto é, como jornalistas. O “episódio” em questão está em cada evento relatado por cada entrevistada para abordar as dificuldades enfrentadas nos veículos de comunicação para o qual trabalharam, principalmente em função da sua condição de mulher. Assim, o livro apresentado se constitui de fragmentos da vida das personagens, com destaque para suas vivências, suas ideias e perspectivas. Silva valoriza esses elementos:

Ao contrário das biografias, o gênero perfil tem se consagrado por retratar narrativas sintéticas sobre trechos da vida de um personagem, não é importante

relembra-la por completo, mas transcrever apenas algo que a ponha em parâmetro perfilável, com a vivência interpondo ideias e conceitos atuais aos do passado e futuro (SILVA, 2009, p.6).

Um dos autores mais importantes para este trabalho foi Sérgio Vilas Boas, que trabalha muito a questão da estruturação da escrita quando se opta por trabalhar esse gênero. Em seu livro “Perfis e como escrevê-los”, ele explica com detalhes alguns dos passos importantes para a elaboração de um perfil, a começar pela valorização das possibilidades de reflexão:

Os perfis também só podem elucidar, indagar e apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós. A meu ver, é o que se pode realmente conservar na memória. O restante empalidece com o tempo, ou adquire aquele tom desbotado típico das fotografias muito antigas. (VILAS BOAS, 2003, p.20)

Vilas Boas também alerta para as armadilhas nas quais um entrevistador pode cair – o que pode comprometer o diálogo estabelecido com a fonte e, claro, também o texto final:

O retrato da pessoa precisa ser construído de modo que as questões interessem tanto ao leitor quanto o próprio personagem em foco, evitando duas armadilhas ou farsas muito comuns, ambas contrárias ao leitor e ao bom jornalismo: uma é quando o entrevistador e entrevistado se lançam como oponentes implacáveis, agredindo-se mutuamente, sem contribuir com ideias para nada; a segunda é quando um ou outro se põe na posição de defesa, a fim de ocultar mais do que revelar, ou de se exhibir mais do que observar o interlocutor. Lidar com o temperamento às vezes difícil do outro é parte da técnica (e da ética) jornalística (VILAS BOAS, 2003, p. 20).

Em sua obra, o autor observa, com frequência, que um bom perfil costuma combinar memórias e imaginação, mas também conhecimento e uma boa capacidade de síntese. Outro elemento importante, segundo ele, é a sensibilidade. Na concepção de Vilas Boas, um perfil precisa causar empatia nas pessoas, que, ao lerem sobre a história ou a situação de alguém, passam a se sentir parte da história. Em um dos trechos do livro “Perfis e como escrevê-los”, o autor chega a ressaltar o seguinte:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Em resumo, a escrita do perfil precisa considerar alguns pontos chave importantes: fazer o leitor se sentir parte da história, manter o discurso direto e indireto, repassar todas as emoções que as perfiladas demonstram (e que querem que sejam repassadas), e também e principalmente, manter o foco no momento a ser trabalhado e repassado. Braz e Sardinha afirmam:

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (BRAZ; SARDINHA *apud* SODRÉ, 1986, 2018, p. 72).

Em “O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro”, Silva também se dedica à fase da produção de textos. Destaca, em especial, alguns aspectos comuns a esse tipo de escrita, como os textos mais curtos, a ênfase em determinados episódios e contextos e o caráter muitas vezes biográfico (SILVA, 2009). É em função desses aspectos que a entrevista, que dará origem ao perfil, assume um caráter fundamental.

1.2 O perfil e a entrevista

Para pensar a realização da entrevista, recorreu-se ao texto “Entrevista em profundidade”, de Jorge Duarte (2005), que é uma das importantes referências para o desenvolvimento dessa técnica. Nele, são enumerados três modelos deste tipo de entrevista: entrevista aberta (feita a partir de questões não estruturadas), entrevista semiaberta (realizada a partir de questões semiestruturadas) e a entrevista fechada (desenvolvida a partir de questões estruturadas).

De acordo com Duarte, somente as abertas e a semiabertas podem ser de fato consideradas do tipo “em profundidade”. Isso porque essas são as entrevistas marcadas por maior flexibilidade e também por explorarem a fundo cada tema proposto – o que exige que a fonte contribua para a dinâmica proposta pelo entrevistador. O autor também observa que o tipo de entrevista aberta se dá com base em um tema central, ao passo que as semiabertas seguem, na verdade, um roteiro-base.

Ao detalhar cada técnica propícia à entrevista em profundidade, Duarte observa, por exemplo, que a entrevista aberta pode se iniciar com um tema específico, mas permite certa liberdade na abordagem ao longo da conversa, de modo a garantir que a entrevista possa fluir e até tomar outros caminhos. Claro que alguns cuidados são necessários. O autor observa,

também a título de exemplo, que o entrevistador escolhe as perguntas com base nos temas sobre os quais o entrevistado se dispõe a falar, mas precisa tomar cuidado para não acionar assuntos irrelevantes.

Já o segundo tipo de entrevista se dá a partir de um número específico de perguntas pré-selecionadas. Essas perguntas – entre quatro e sete, sugere o autor – são trabalhadas até seu esgotamento total, e podem sofrer alterações ao longo da conversa. Para o livro aqui apresentado, optou-se pela entrevista semiaberta, visto que o objetivo é abordar um determinado assunto, mas, ao mesmo tempo, manter a liberdade das entrevistadas para dar outros rumos ao diálogo, caso sintam necessidade de fazê-lo.

Importante ressaltar neste ponto que, nesse processo de estabelecimento dos diálogos com as entrevistadas, o próprio conceito de entrevista ganhou uma dimensão especial. Isso porque a entrevista se tornou o ponto-chave para a criação de tudo o que diz respeito a este trabalho. Enquanto a entrevista se desenvolve, a pessoa que entrevista consegue ter uma clareza maior do direcionamento que dará ao perfil. Tanto Jorge Duarte, em “Entrevista em profundidade”, como Cremilda Medina, em “Entrevista: o diálogo possível”, trabalham com muito cuidado essa ideia da *conversa* quando abordam os processos de produção de perfis. Para ambos, entrevistadores estão sempre atrás de respostas a partir de uma vivência. Para Duarte, por exemplo, esse diálogo com o outro “busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (2005, p.2). Nesse sentido, as questões levantadas por um jornalista, ao construir um perfil, permitem explorar um assunto que pode ser sempre aprofundado. Para o autor, isso significa “descrever processos e fluxos, compreendero passado, analisar, discutir e fazer prospectivas” (idem).

Medina, por sua vez, também ressalta o potencial da entrevista, principalmente como método que possibilita a interação social capaz de promover a pluralidade de perspectivas:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2011, p.7).

Outros aspectos destacados pela autora também são importantes para pensar a produção de perfis. Um deles está na nos dois gêneros de entrevista que ela aponta: aquela orientada pela

intenção da *espetacularização*, que tem o intuito de transformar algo em um “espetáculo”, e o gênero fundado na *compreensão*, que se dará a partir da intenção de se conhecer mais profundamente algo ou alguém. O primeiro é dividido em quatro subgêneros: perfil pitoresco, perfil inusitado, perfil de condenação e perfil de ironia “intelectualizada”. Já a entrevista de compreensão, dividida em cinco subgêneros, é a que mais se encaixa à elaboração do produto referenciado neste memorial. Isso porque esse segundo gênero permite um aprofundamento maior em momentos específicos da vida das perfiladas. Desta forma, essa técnica costuma tornar o texto mais enriquecedor, principalmente a partir dos detalhes oferecidos.

Medina aborda, ainda, a existência de diferentes tipos de entrevista: conceitual (que foca em conceitos, mas não no comportamento), enquete (quando mais de uma pessoa é procurada para falar sobre um assunto), investigação (que busca informações que o jornalista não teve acesso e precisa buscar), confrontação (quando o jornalista é um mediador e instigador, às vezes também um investigador) e perfil humano. Este último também se encaixa de forma bastante adequada à proposta do livro ora apresentado. Medina chega a assinalar que

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamourizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (MEDINA, 2011, p. 10).

De fato, assimilar os valores e o histórico de vida do personagem que se entrevista é fundamental para a elaboração de um perfil. Agora não há julgamentos. O que há é uma junção de relatos, experiências, gesticulações e sentimentos que darão vida a um texto jornalístico. É como o perfil de Frank Sinatra – intitulado “Frank Sinatra está resfriado” – publicado por Gay Talese na revista *Esquire*, em 1966. Sem nunca ter se encontrado com o artista, Talese, acessando pessoas que orbitavam ao redor do cantor, conseguiu traçar um perfil primoroso dessa celebridade mundial. Em uma análise dessa publicação, Braz e Sardinha observam que existe um “elemento incontestável” no gênero perfil, sendo a centralidade da personagem: “o repórter capta fragmentos de uma fonte e ressignifica a construção de uma personagem em um espaço/tempo, materializada em um gênero jornalístico nomeado perfil” (BRAZ; SARDINHA, 2018, p. 87).

No caso do livro ao qual esse memorial se refere, foi importante adotar algumas estratégias para captar esses fragmentos. Uma delas reconheceu e atentar para que cada entrevistada tinha seu modo muito particular de ser. Por isso a pergunta inicial foi “como você

define sua personalidade?”. A partir dessa questão, foi possível trabalhar as características elencadas no universo da profissão de jornalista. Outro elemento essencial foi a preocupação em assegurar que cada entrevistada se sentisse à vontade durante a conversa. É preciso proporcionar um espaço aberto para que elas contem suas experiências, garantindo tranquilidade no momento do relato. Além disso, como alerta Medina, jornalistas estarão sempre se orientando por uma “técnica não-diretiva, num diálogo aberto e fluido, pela arte de construir a entrevista em balizas, ou leis (para o alemão Otto Groth), que configuram o jornalismo: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão” (MEDINA, 2011, p.10).

O perfil acaba sendo, desta forma, uma longa construção narrativa e, por isso mesmo, permeada por muitos desafios. As pessoas perfiladas não são apenas uma pose para fotos. É necessário compreender toda a história da personagem e traçar linhas sem deixar passar os detalhes. Alexandre Rocha da Silva (2016), em sua pesquisa “Vida em detalhe”, aborda algumas das polêmicas que frequentemente envolvem o processo de produção de um perfil:

A problemática do perfil é, como observamos, escrever o outro. Mais que os dados e os fatos, as opiniões e as estatísticas, interessa-o escrever aqueles que movimentam estas circunstâncias. Essa escrita, porém, é constrangida por contingências das mais variadas ordens. Há questões do próprio jornalismo, cuja relação com a alteridade é historicamente ruidosa - os encontros com o outro ocorrem, se tanto, nas brechas do discurso, para usarmos o termo de Fernando Resende (*apud* 2009). Concomitante a este problema, a escrita do outro defronta-se com as dificuldades impostas pela narrativa escrita. Trata-se de traduzir a vida para os termos do texto. O esforço hercúleo desta tarefa e o atrito aí perceptível nos levam a questionar a possibilidade de tal empreitada. O perfil assume-se enquanto escrita da vida, relato dos fatos de uma existência, e os recursos formais que apontamos como constitutivos do gênero são menos malabarismos estéticos do que estratégias de enfrentamento deste problema: Como irei escrever uma vida? (SILVA, 2016, p.10).

Outro desafio é captar aquilo que está por trás da fala da fonte. Vilas-Boas destaca, por exemplo, o caráter fundamental da observação de alguns detalhes, como os gestos e expressões da pessoa entrevistada durante o diálogo. Diz ele:

O fato de os atos e reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. São recursos consideráveis (VILAS-BOAS, 2003, p.29).

Todas essas estratégias possuem um objetivo central, o qual é o de instigar o público leitor, acionando sua curiosidade, seus interesses e certa identificação com suas aspirações.

Além disso, buscar pessoas a serem entrevistadas é, também, buscar boas histórias. E, no caso deste livro, boas histórias sobre mulheres que abraçaram e vivenciaram uma profissão, enfrentando desafios e tentando articular a vida pessoal com as demandas do mercado – e da vida.

AS MULHERES NO JORNALISMO E OS DESAFIOS IMPOSTOS

O jornalismo, inicialmente, era uma profissão efetivamente masculinizada. O fato de as mulheres serem vistas pela sociedade como “inferiores” atrasou a entrada delas nesse mercado de trabalho. A pesquisa de Marli dos Santos e Ana Carolina Rocha Temer (2018), intitulada “Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação social” retrata muito bem como ainda é discrepante a diferença entre a participação de homens e mulheres nas redações:

Embora tenham conquistado direitos fundamentais no século XX e a igualdade entre os sexos esteja proclamada na constituição brasileira, a cidadania plena parece um ideal ainda distante para a parcela feminina da sociedade, devido a valores e ideologias machistas que ainda prevalecem. E o mesmo ocorre com as jornalistas. A questão toma maior fôlego quando envolve mulheres jornalistas que, apesar de serem maioria na profissão, continuam sendo minoria no sentido sociológico, subjugadas pelos privilégios conferidos aos homens. A discriminação sofrida pelas mulheres no trabalho jornalístico também envolve aspectos éticos, uma vez que “é necessário entender o jornalista em uma dupla relação: como indivíduo/cidadão que se equilibra entre os riscos e os privilégios da profissão, mas também como profissional cuja defesa da cidadania e da democracia é condição essencial para o próprio trabalho” (TEMER; TUZZO *apud* SANTOS; TEMER, 2018, p.15).

No entanto, como o mercado de trabalho logo precisou de demasiada mão de obra, as mulheres também foram reposicionadas, obedecendo a certas demandas nesse campo profissional. Um dos maiores problemas, identificado ainda hoje em algumas redações, é que, por serem muitas vezes consideradas menos capazes que os homens, os salários das mulheres contratadas não raras vezes eram mais baixos. Como em outros espaços profissionais, também no jornalismo parece haver distinções entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”. Em grandes empresas jornalísticas, por um longo período pouquíssimas mulheres chegaram a ocupar os cargos mais altos. Ser editora-chefe numa redação, por exemplo, ou mesmo escrever editoriais centrados em assuntos de cunho econômico, político ou policial foi, durante muito tempo, uma raridade. Geralmente, destinavam-se às mulheres da redação as colunas de culinária, assim como alguns espaços na editoria de cultura. Não bastasse, essas mulheres eram obrigadas, com bastante frequência, a lidar com todo o tipo de assédio, abusos e discriminações, conforme assinalam Santos e Temer na pesquisa:

A discriminação sofrida pelas mulheres em atuação no jornalismo não se limita às disparidades salariais e às dificuldades de ascensão e/ou ocupação de postos mais cobiçados. Como mostra o levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SPJDF), de 2016, as jornalistas sofrem assédio moral e sexual, tanto por parte de chefes, colegas, quanto de entrevistados e muitas vezes são preteridas na distribuição de pautas. Rocha (2004) diz que jornalistas de sucesso entrevistadas por ela são mulheres que disputam o mercado de trabalho atuando de forma semelhante aos profissionais homens, cumprindo extensas jornadas de trabalho e ocupando cargos que exigem maior dedicação profissional. (SANTOS; TEMER, 2018, p. 16)

De fato, a evolução do papel feminino nas redações foi bastante lenta, em um processo extremamente complicado. Hoje, as mulheres conquistam cada vez mais o espaço nas redações, e já se destacam em todas as editorias. Não que todos os problemas tenham sido superados – até porque as mulheres ainda são alvo de diferentes tipos de violência no mercado de trabalho, como demonstram vários estudos. Algumas pesquisas, como se verá mais adiante, abrem caminho para importantes debates em torno dos estereótipos e papéis femininos suscitados a partir de relatos de experiências de jornalistas brasileiras sobre os principais problemas que as afetam.

Na verdade, são muitos os dados encontrados na literatura para medir a expressiva desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Esses estudos deram mais visibilidade a um cenário que, antigamente, era visto como algo normal. A pesquisa "Mulheres no Jornalismo Brasileiro", apresentada por Verônica Toste, por exemplo, apresenta alguns dos obstáculos enfrentados pelo segmento feminino. Segundo a autora, apesar da luta travada durante tantos anos, as mulheres ainda hoje são desvalorizadas no mercado de trabalho de maneira indisfarçada. Alguns depoimentos, que na pesquisa são anônimos (para manter a segurança das entrevistadas), causam constrangimento. Um deles foi a base para o seguinte trecho do estudo: "Um dia uma repórter foi 'encoxada' na sala por um editor. Depois disso, sempre quando voltava das pautas ela tinha que subir acompanhada, para evitar certos tipos de problema" (TOSTES, 2018, p. 24). Em um dos depoimentos, a entrevista conta: "A trabalho, fui a uma festa na casa de um deputado. Só tinha homem. Estava com um amigo repórter e como me tratavam e tratavam ele era muito diferente. Eu me senti extremamente constrangida" (TOSTES, 2018, p. 44).

O site da ABRAJI, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, possui um sistema próprio para monitoramento de violência de gênero contra jornalistas. No site, é possível acessar os dados registrados em 2022, todos eles referentes a agressões e ataques contra jornalistas no Brasil. Além disso, também há, na página, os perfis das vítimas, os meios de comunicação envolvidos e quem são os agressores. Também é possível realizar denúncias.

Em grande medida, a violência contra as mulheres nas redações está relacionada a questões que tangenciam o patriarcado e o feminismo (como reação). Mas são questões que também afetam a renda dessas mulheres – ou seja, a qualidade de vida delas. Tudo isso, por tanto tempo, fez com muitas dessas profissionais reagissem às situações adversas pela negação. Dizem as autoras da pesquisa “Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação social” (2018) que

Investigar por meio de entrevistas as experiências das jornalistas tem se mostrado uma metodologia reveladora das desigualdades de gênero não apenas nas redações, mas na sociedade brasileira; bem como da naturalização de algumas dessas desigualdades. Mesmo atuando em uma profissão que exige crítica social, as mulheres jornalistas ainda se colocam na posição de vítimas – do sistema e dos próprios maridos. As reações, quando acontecem, se dão pela negação – o afastamento do emprego, a busca de novas oportunidades ou, simplesmente, na resistência quase sempre silenciosa (SANTOS; TEMER, 2018, p. 29).

Os depoimentos colhidos por Verônica Tostes dão uma ideia clara das situações constrangedoras que, muitas vezes, conduzem as mulheres ao silêncio. Bom exemplo é o de uma entrevistada assediada em função de sua gravidez: “Por estar há três anos no jornal e fazendo uma pauta bem pesada, achei que era um bom momento para pedir um aumento. Apenas ouvi: você veio me pedir um aumento com esse barrigão?” (TOSTES, 2018, p. 10). Problemas igualmente graves foram identificados durante os grupos focais realizados pela autora. Esses grupos de discussão mostram que a discriminação de gênero costuma marcar variados momentos da carreira de uma mulher. Diz Tostes:

Em nossa pesquisa, constatamos que as mulheres estão bastante atentas à discriminação de gênero no trabalho. Nos grupos focais, por exemplo, as participantes mencionaram episódios de discriminação de gênero em diversos momentos como contratação, demissão, promoção no trabalho, definição de salário, direitos, distribuição de tarefas e oportunidades de crescimento profissional e até mesmo definição de escalas de trabalho. Muitas mostraram uma percepção aguda de que, embora haja muitas profissionais mulheres no jornalismo, a ascensão na carreira para elas é muito difícil (TOSTES, 2018, p. 18).

Os quadros apresentados nessa pesquisa são reveladores das numerosas e complexas dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Vejam as tabelas abaixo, retiradas do trabalho de Tostes:

Figura 3

VOCÊ JÁ SENTIU ALGUMA VEZ QUE SER MULHER TE PREJUDICOU EM ALGUMA DESSAS SITUAÇÕES?		
	N	%
OPORTUNIDADE DE TRABALHO	176	36,9%
OBTENÇÃO DE AUMENTO	169	35,4%
OBTENÇÃO DE PROMOÇÃO NO EMPREGO	188	39,4%
DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS NO AMBIENTE DE TRABALHO	275	57,7%
DETERMINAÇÃO DE ESCALAS DE HORÁRIO	113	23,7%
OUTRO	56	11,7%
N = 477		

Mulheres no jornalismo brasileiro (2018, p. 19)

Figura 4

ALGUMA VEZ RECEBEU EM EXERCÍCIO DA SUA PROFISSÃO UMA CANTADA QUE A DEIXOU DESCONFORTÁVEL?		
	N	%
DE UM COLEGA HOMEM	221	46,3%
DE UMA FONTE HOMEM	176	36,9%
DE UM SUPERIOR HIERÁRQUICO HOMEM	133	27,9%
DE UMA PESSOA DESCONHECIDA	66	13,8%
DE UMA FONTE MULHER	6	1,3%
DE UMA COLEGA MULHER	5	1,0%
DE UMA SUPERIOR HIERÁRQUICA MULHER	1	0,2%
ISSO NUNCA ACONTECEU COMIGO NO EXERCÍCIO PROFISSIONAL	93	19,4%
NÃO SABE OU NÃO RESPONDEU	48	10%
N = 477		

Mulheres no jornalismo brasileiro (2018, p. 32)

São apenas alguns dos dados da pesquisa que, trazidos à luz, causam dor a quem dedica atenção aos dilemas enfrentados pelas mulheres dia após dia. Por isso mesmo, as histórias presentes nos perfis aqui apresentados se estruturam em um contexto que envolve, principalmente, a luta de diferentes mulheres no jornalismo. Mas fora dele também. Essa luta será narrada a partir do acionamento de técnicas específicas do jornalismo voltadas para a construção de perfis.

Nesse sentido, é importante destacar, neste memorial, que cada história relatada articula-se à trajetória de mulheres que estiveram frente a frente com os desafios do jornalismo contemporâneo e das demandas profissionais neste campo. Sabe-se que, ao longo do tempo, o jornalismo, como todas as profissões, tem sofrido variadas transformações decorrentes das inovações tecnológicas e dos novos modelos de trabalho que emergiram no mercado. São aspectos que demandam uma breve abordagem sobre o que se convencionou chamar de *jornalismo contemporâneo*. Para isso, alguns autores, como Roseli Fígaro, C. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, foram convocadas.

Como já mencionado aqui, a literatura mostra que a força de trabalho do jornalista começou a ser efetivamente valorizada a partir do momento em que emerge uma demanda crescente por informações confiáveis, e que chegassem rápido à população. Fígaro, em sua pesquisa “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia” (2019) realizou uma investigação exploratória com diversos jornalistas a fim de levantar dados sobre o novo “arranjo” do trabalho do jornalista. A autora observa que “a crise do modelo de imprensa jornalística, a destruição de postos de trabalho e a reestruturação dos processos produtivos colocam em xeque (desarranjam) o futuro exercício da profissão de jornalista e o jornalismo como o conhecemos” (p. 17).

Reestruturações são, de fato, processos complexos, e a literatura das duas últimas décadas sobre as transformações no campo do jornalismo registram esse aspecto. Não é simples repensar as práticas que movem o profissional de imprensa, alguém que, a despeito das inovações tecnológicas, ainda emerge, não poucas vezes, como um “mediador” entre a informação e o público que recebe essa informação. Essa análise realizada em 2019 pelas pesquisadoras Roseli Fígaro, Janaína Barros e Jamir Kinoshita aponta que o jornalista ainda é o profissional mais demandado para manter as sociedades cientes dos acontecimentos, mesmo que em novos arranjos. O trabalho evidencia, por exemplo, que essa demanda por informação estimula, nos últimos anos, a criação de micro e pequenas empresas, e até de organizações não-governamentais atuantes nesta área:

O conjunto dessas forças produtivas [na área da Comunicação e do Jornalismo] pode ser colocado a serviço da sociedade (...) e produzir informação de qualidade para os cidadãos. A nomeação dessa possibilidade de organização de *novos arranjos econômicos do trabalho do jornalista* (apud FIGARO, 2016, 2017, 2018) é um deslocamento da definição original (apud LOMBARDI, 2003A; SUZIGAN, 2004) com a intenção de destacar a possibilidade que micros e pequenas empresas e organizações não governamentais, organizações da sociedade civil, coletivos e outros grupos de trabalhadores da comunicação e do jornalismo possam representar efetiva alternativa

de trabalho (empregabilidade) e de produção de um serviço de qualidade por seus vínculos e compromissos com a democratização dos meios de comunicação e com a sociedade (FÍGARO; BARROS; KINOSHITA, 2019, p.19).

Roseli Fígaro, juntamente com Cláudia Nonato e Rafael Grohmann também já haviam ressaltado, anos antes, que as mudanças nos métodos de produção causaram grandes alterações, não somente nas rotinas de trabalho, mas também nos valores éticos e culturais que norteiam a atividade jornalística (que se relacionam com a capacidade dos jornalistas e outros profissionais da comunicação de atender às necessidades dos públicos que se deseja atingir). O trabalho intitulado “As mudanças no mundo do trabalho do jornalista” (2013) mostra, por exemplo, o caráter fundamental da relação entre a atividade jornalística, a ética, o engajamento e a democracia:

As mudanças nos processos e rotinas produtivas, a concorrência global e as novas demandas dos consumidores têm profundas implicações para os profissionais do setor da comunicação. Implicações que vão do campo ético-profissional ao cultural e pessoal. Elas demandam respostas, gestão e planejamento ao nível político e institucional (Empresas, Sindicatos, Estado, Faculdades). Dessas questões derivam outras em relação ao tipo de jornalismo que o cidadão deseja e daí qual o engajamento profissional necessário. Está em jogo que tipo de democracia quer-se construir, pois o direito à informação é o alicerce de uma sociedade democrática (FÍGARO; NONATO; GROHMANN, 2013, p.18)

Mas e a mulher? Como ela se insere nesses cenários renovados? A pesquisadora Jéssica Mateos (2019), autora de um trabalho sobre o estudo de gênero nas redações no estado de São Paulo, aborda a relação entre a mudança estrutural e a discriminação de gênero. Ela observa que a tecnologia não aumentou nem diminuiu o peso da discriminação contra a mulher. O que muda com a tecnologia seria, segundo ela, o aumento das possibilidades de discussão dessa questão. Contudo, Mateos afirma que a abertura para a disseminação de ódio (em todos os sentidos, inclusive em relação às demandas no universo feminino) é maior. Diz ela:

Para as jornalistas, a internet ajuda a promover o debate sobre tais questões, mas também abre e aumenta o espaço para que internautas disseminem o discurso do ódio e perpetuem a discriminação de gênero. Uma delas contou que utiliza as redes sociais para entrevistas e contatos, criando uma barreira protetora que mantém a jornalista segura dos assediadores, diminuindo os assédios por parte dos entrevistados homens. O que é visto como positivo para ela na verdade é negativo, porque chega ao ponto de a profissional não poder se relacionar com as fontes por medo e para se proteger do assédio, quando este não deveria existir (MATEOS, 2019, p. 121).

Outro elemento importante ressaltado nessa análise é a velocidade com que essa disseminação de ódio se propaga. No decorrer da pesquisa “O jornalismo contemporâneo e a

mulher jornalista: um estudo sobre gênero na profissão no estado de São Paulo”, Mateos apresenta alguns dos casos de assédios e violência disseminados por meio de comentários pelo público da internet. A reação que o leitor tem é rápida. No passado, sem a internet, jornalistas dificilmente recebiam críticas ou elogios por parte do público. Isso, quando ocorria, acontecia por meio de cartas. Atualmente, o leitor tem a possibilidade de comentar uma notícia no momento em que ela é postada. Não existem filtros, como mostram os depoimentos coletados pelas pesquisadoras:

Quem trabalhava em jornal no máximo recebia uma carta de vez em quando elogiando, nunca criticando. Não chegava. E agora a relação com o leitor é imediata, o cara xinga você na hora! E como lidar com isso? Não é todo mundo que consegue lidar com isso. [...] Então é uma relação bem delicada que o jornalista tem que saber lidar. E as mulheres mais ainda! Usando a política como exemplo ainda, quando a Dilma estava em processo de impeachment ela foi uma das pessoas mais ofendidas da história! [...] Independente de se ela estava certa ou se ela estava errada, foi uma época que ficou bem claro que na política e em todas as áreas essa questão de a mulher estar ali é bem delicada (NONATO *apud* MATEOS, 2019, p. 121).

Todos esses aspectos foram considerados para as reflexões, para o desenho e o planejamento do trabalho que resultou no livro de perfis produzido a partir das entrevistas das jornalistas que se abriram para o diálogo proposto.

PLANO DE TRABALHO

Três movimentos nortearam a produção do livro ao qual esse memorial se refere. O primeiro se deu com o intuito de se conhecer a realidade na qual as pessoas entrevistadas se situam. Significa pensar o contexto no qual elas estão inseridas. Para conhecer e oferecer aqui parte das problemáticas que atravessam o universo das mulheres entrevistadas no livro de perfis, foi preciso buscar, assim, pesquisas, informações e análises baseadas nessa temática da inserção da mulher no mercado de trabalho jornalístico – e os desafios presentes nesse universo. Esses desafios se relacionavam, na maioria, às particularidades do jornalismo contemporâneo. Antigamente, o jornalismo era restrito às redações e às mídias tradicionais, como televisão e rádio, mas, atualmente, com a expansão da internet, o jornalismo pode ser agregado a muitos outros ramos da comunicação também. Esse “jornalismo contemporâneo” surge, como já mencionado aqui, com os avanços tecnológicos e, a partir daí, exige adaptações que atendam às novas demandas do mercado.

Um segundo movimento está relacionado a um estudo mais aprofundado sobre o processo de produção de perfis na esfera da prática jornalística. Algumas concepções, como a de Sérgio Vilas-Boas, foram muito importantes exatamente porque consideram que “a narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros”, ainda que esteja “atada ao sentimento de quem participa” (VILAS-BOAS, 2013, p.14). Para o autor, “a frieza e o distanciamento são altamente nocivos” e, assim, “envolver-se significa sentir” (idem).

O terceiro movimento está relacionado à produção das entrevistas e à redação dos perfis. As jornalistas entrevistadas foram Dayane Barretos, Janylle Mol, Mariana Viana, Sarah Gonçalves e Evelin Ramos – todas elas graduadas na Universidade Federal de Ouro Preto. Dayane chegou a ministrar aulas de fotojornalismo na UFOP – e eu fui uma das suas alunas. A conversa foi realizada em dois momentos: o primeiro diálogo foi no ICOSA, por ser um lugar que facilitaria o encontro – que durou algo em torno de duas horas e meia –, e o segundo se deu via Google Meet, que durou um pouco menos. Nascida no interior de São Paulo, em São Bernardo do Campo, Dayane também fez o mestrado na UFOP. Já o doutorado, também na área da Comunicação, foi feito na UFMG. Atualmente, ela possui uma agência de publicidade chamada “Umami”.



Dayane Barretos

Janylle nasceu em Mariana. Morava há dez anos em La Plata, na Argentina, mas, por sorte, estava passando algum tempo na cidade, com a família, quando a procurei. Marcamos um encontro que, a princípio, seria um café da manhã, mas que precisou ser adiado para o turno da noite. O local, um bar-restaurante, foi escolhido pela perfilada. Queríamos, ambas, um lugar tranquilo para conversar e ficar à vontade. Janylle me contou que entrou na graduação em 2010

e que, em 2013, fez mobilidade acadêmica para La Plata. Fez o mestrado, mas não chegou a apresentar sua dissertação. Preferiu dedicar-se apenas ao mercado jornalístico. Quando nos encontramos, trabalhava numa empresa como coordenadora de produção de conteúdo.



Jamylle Mol

Mariana Viana, dona do seu próprio negócio – o “Fora do Plástico”, que hoje permite a ela se dedicar à cobertura de eventos e de produções em HQ, incluindo o jornalismo em quadrinhos – também mora em Mariana, com seu companheiro, Pedro Ferreira, o outro coordenador do “Fora do Plástico”. Tive com ela dois encontros presenciais, ambos numa cafeteria, por escolha da perfilada, que “ama” esse lugares. As conversas duraram entre duas e três horas, sempre muito tranquilas e com boas risadas.



Mariana Viana

Sarah – a quem cheguei por indicação de Jamylle – não mora em Mariana, mas estaria na cidade dali a alguns dias. Assim, deixamos um dia marcado. Tivemos dois encontros: um café no final da tarde, por sua escolha, e outra reunião via Google Meet, já que, nessa segunda ocasião, ela já havia voltado para sua casa, no município de Montes Claros, norte de Minas. Sarah é uma pessoa calma, de fala tranquila, e nossa conversa durou em torno de duas horas. Foi uma perfilada que se destacou pela diferente área do jornalismo em que atua. Hoje ela participa ativamente de projetos sociais – e me fez relatos de situações inusitadas para mim nesse cenário. Atualmente trabalha na instituição Cáritas como comunicadora popular.



Sarah Gonçalves

Já o encontro com Evelin Ramos se deu em Ouro Preto, embora ela viva hoje em Belo Horizonte. Também nos encontramos em um Café, no final da tarde. A entrevistada tem um jeito que chama a atenção: ela é elegante e, ao mesmo tempo, despojada. A conversa, a exemplo das demais, durou cerca de duas horas e meia, porque ela voltaria naquele mesmo dia para a capital. Trabalha há alguns anos no setor de comunicação de uma instituição financeira como analista de conteúdo audiovisual, roteirista e apresentadora.



Evelin Ramos

Antes de cada encontro, optei por enviar algumas perguntas mais básicas para as entrevistadas, de modo a obter algum conhecimento prévio antes de pensar em questões mais específicas, considerando as particularidades de cada mulher. Essas perguntas – enviadas num momento inicial, por e-mail ou pelas redes sociais – compuseram o que chamei de “Ficha de informações básicas”, sendo organizadas da seguinte forma:

FICHA DE INFORMAÇÕES BÁSICAS

Nome completo:

Data de nascimento:

Você possui filhos?

Você é/foi casada? Se quiser, coloque o nome do (a) seu/sua parceiro (a).

Nome e profissão dos seus pais:

Perguntas para reflexão:

1 — Para você, o que é ser mulher?

2 — A condição feminina já te impôs desafios na infância, adolescência ou vida adulta? Se sim, quais?

3 — Você pode me contar duas ou mais situações que possam ilustrar esses desafios? (fique à vontade para contar quantas quiser);

4 — *Ser mulher e jornalista é diferente de ser mulher? Por quê?*

5 — *Você acha que o modo como você lida com o trabalho é influenciado, de alguma forma, pelo fato de você ser mulher? Por quê?*

6 — *Você acha que o modo como enxerga o mundo e as pessoas é influenciado, de alguma forma, por ser mulher? Por quê?*

7 — *Pensando no universo feminino, você acha que fez conquistas importantes? Quais?*

8 — *Estou procurando singularidades. Relacione aqui cinco ou mais coisas que você gosta de fazer? Pode ser qualquer coisa, literalmente.*

Com essas informações, os diálogos já se iniciaram de forma mais fluida e mais fácil. À medida que as entrevistas eram realizadas, passei a pensar também no produto em si: no projeto gráfico que me exigia pensar em formatos, tipos de letra, cores, capa etc.

O PRODUTO

O projeto gráfico deste trabalho traduz as escolhas feitas para a composição do livro de perfis. A obra possui cinco capítulos, uma para cada perfilada, além de uma apresentação e um sumário. A escolha do formato e-book resultou das impressões que tenho sobre esse modelo, que me parece de fácil leitura e acesso, considerando as possibilidades oferecidas por variados dispositivos. Assim, optei pelo tamanho 21 cm x 29,7 cm.

As cores escolhidas foram pensadas em concordância com o tema. A cor roxa, por exemplo, é considerada a cor do feminismo. Ela está presente na capa e nos títulos de cada capítulo. As cores presente na capa são: cinza claro azulado (#d2c8c8), roxo escuro (#702262), lavanda profundo (#bc6fbe), marrom avermelhado (#916550) e azul ardósia escuro (#646282). Já aquelas presentes no livro são: roxo intenso (#702262) e preto (#000000).

As margens (superior, inferior, interna e externa) foram definidas em 1,27 cm. As fontes utilizadas foram Country Market e Baskerville Old Face, que pareceram mais adequadas ao desenho de todo o projeto, já que estão em conformidade com as delicadezas – e, ao mesmo tempo, com a força – das mulheres entrevistadas.

A ilustração da capa foi assim definida:

Jornalista e mulher:

Perfis, histórias e desafios

Rúbia Gonçalves Mansano



E o restante do livro:

Construindo Histórias. Transformando Vidas: O Mundo de Sarah no Jornalismo Regional

Daremos uma grande volta no tempo neste perfil.

O ano era 2010 e o curso de jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto estava nos seus primórdios. Sarah partiu de Montes Claros rumo a conquista de seu sonho: cursar jornalismo, mesmo que sua mãe não apoiasse a ideia da sua estadia pela antiga Vila Rica. Porém, não receber apoio foi algo passageiro por parte dos familiares, em pouco tempo eles já estavam empolgados com sua nova cidade.

Por mais que estudar em uma universidade federal seja o sonho da maioria das pessoas, o jornalismo era um curso que estava caminhando para ter melhores condições de ensino. Uma de suas maiores queixas foi que “Poxa, o jornalismo precisa ter a parte de teoria, mas não colocar a mão na massa me fez sentir uma defasagem no mercado de trabalho”.

Os anos em si foram normais, como de qualquer outro estudante vivendo novas experiências. O que Sarah não esperava, era que a falta de experiências fora da teoria a prejudicaria tanto no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha maior preocupação quando idealizei esse livro de perfis sobre mulheres jornalistas era utilizar métodos e técnicas confiáveis e efetivas para alcançar o objetivo proposto: retratar como essas mulheres jornalistas lutaram e ainda lutam dentro de seus respectivos trabalhos, enfrentando dificuldades e obstáculos ainda muito comuns no universo feminino. Para concretizar o livro, foi preciso investir, primeiro, em perguntas iniciais e, posteriormente, em entrevistas presenciais, de modo que todas as particularidades da história de cada entrevistada pudessem ser exploradas.

Sempre tive em mente que muitas histórias de vida precisam ser contadas e passadas adiante, pois as possibilidades de troca sempre contribuem para a expansão do conhecimento e das oportunidades de reflexão. A luta das mulheres, nesse sentido, é algo importantíssimo na história e precisa estar sempre em pauta. Se essas lutas não tivessem ocorrido, muitas dessas mulheres talvez não estivessem nos lugares que ocupam hoje. Lugares conquistados.

Para conseguir documentar as conquistas presentes nesses relatos, no entanto, tive que desenvolver técnicas específicas do jornalismo. Primeiro, empenhei-me na pesquisa sobre os temas a serem abordados, de forma que eu pudesse ter repertório suficiente não só para conversar com as entrevistadas, mas também para estar aberta a novas reflexões sobre os assuntos discutidos. Nesse processo, deixei sobressair, nas vivências e relatos que escutei, os aspectos mais articulados aos desafios que são comuns a todas as mulheres.

Sob esse aspecto, as perguntas enviadas inicialmente também contribuíram para provocar, nas perfiladas, um processo de autorreflexão sobre as próprias trajetórias até aqui. Mais tarde, a partir do diálogo durante os encontros, cada entrevistada organizou seu pensamento, priorizando o que julgou mais importantes em seu próprio caminho.

No exercício da escrita, trabalhei com a narração da cena, com a observação de certos gestos e com a descrição do próprio encontro, tentando trazer uma visualização mais precisa para o público leitor. É importante repassar a informação, mas também o contexto dos sentimentos.

Os desafios para a realização do livro de perfis foram diversos, desde horários disponíveis das perfiladas até a minha própria saúde mental. Eu passava por um período de fragilidade e, de fato, as histórias contadas me serviram de apoio nessa fase que atravessei. Em meio a uma sociedade que anda em ritmo acelerado, são diversas as cobranças diárias que se acumulam.

Esse trabalho, que serviria, a princípio, para inspirar e encorajar outras mulheres, acabou sendo inspiração para mim mesma. Apesar de todas as lutas, perceber que outras mulheres passaram por situações parecidas me fez enxergar uma luz no fim do túnel. O resultado, foi, portanto, positivo. Espero que esse sentimento se estenda a outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Abraji. Disponível em: <https://www.abraji.org.br>. Acesso em: 10 out. 2022.

ABREU, Luis; ARAUJO, André; SILVA, Alexandre. **Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhes**. Revista Contemporânea de Comunicação e Cultura, Salvador, v. 14, n. 1, jan./abr. 2016, p. 55-71, 2016.

ANDERSON, Christopher W., Emily Bell, and Clay Shirky. "**Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos**." Revista de Jornalismo ESPM 5.3 (2013): 30-89.

BRAZ, Michelle & SARDINHA, Antonio. (2018). **Caracterização e análise do perfil como gênero em 'Sinatra está resfriado'**. Letras Escreve. 8. 61. 10.18468/letras.2018v8n1.p61-90.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge (Org.); BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

DOS SANTOS, Marli; ROCHA PESSÔA, A. C. **Mulheres no jornalismo. Práticas profissionais e emancipação social**. Cásper Líbero: UFG/FIC, 2018.

FIGARO, Roseli; BARROS, Janaina Visibeli; KINOSHITA, Jamir. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. Anais, 2019.

FÍGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 2013.

GIULANI, Paola Cappellin. **Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira**. In: PRIORE, Mary del (Org.). História das Mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 536-559.

GRUPO DE ESTUDOS ALTERJOR: **Jornalismo Popular e Alternativo** (ECA-USP).

Revista Alterjor, São Paulo, v. 1, n. 3, jan./jun, 2011.

KERGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo**. In:

HIRATA, Helena et al. (Orgs.). Dicionário crítico do feminismo. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.

MATEOS, JÉSSICA DE OLIVEIRA COLLADO. **O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO E A MULHER JORNALISTA: Um estudo sobre gênero dentro da profissão no estado de São Paulo**. São Bernardo, 2019.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. Revista Eletrônica Temática, João Pessoa, out. 2009.

TOSTE, Veronica. **Mulheres no jornalismo brasileiro**. Disponível em:

https://www.academia.edu/36101191/Mulheres_no_Jornalismo_Brasileiro. Acesso em: 10 out. 2022.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.